

Perspectiva Semanal



Olá!

Aproveite seu boletim Perspectiva Semanal, uma publicação com os destaques do mercado financeiro nacional e internacional na semana, com dados, indicadores e projeções da SulAmérica Investimentos

Atividade e inflação conduzem os negócios domésticos nesta semana em meio às conturbações na esfera política. No exterior, dados sobre o mercado de trabalho dos EUA devem balizar as apostas sobre os próximos passos da política monetária americana

O mundo vivencia um ambiente cada vez menos propício aos ativos de risco. Investidores se preparam para quando o Federal Reserve (Fed) iniciar a redução dos estímulos monetários nos EUA mesmo em meio aos temores sobre a desaceleração do crescimento econômico global, inflação em alta, gargalos nas cadeias produtivas, crise mundial de energia e riscos regulatórios na China. Esse cenário, que tem ganhado força ultimamente, vem moldando o comportamento dos mercados e alimentando elevada volatilidade, que deverá, também, permear os negócios nesta semana.

No ambiente político doméstico, o quadro continuará difícil. Os mercados têm reagido com muito mau humor ao maior ativismo do governo voltado à busca de políticas populistas, como o Auxílio Brasil, Vale Gás e subsídios à gasolina e diesel, se utilizando de artifícios que reforçam os riscos fiscais. As manobras fiscais do governo mantêm o assunto no radar dos investidores, que pautam, também, o comportamento dos ativos, no momento.

Na agenda econômica, a inflação segue no radar. Na próxima sexta-feira (8), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgará o IPCA de setembro, que deve mostrar inflação de 1,24%, acumulando alta de 10,3% na métrica de doze meses e podendo marcar o pico da inflação no ano. A variação mensal ficará muito próxima ao registrado pelo IPCA-15 do mês (1,14%) e subindo em relação ao dado fechado de agosto (0,87%). Essa elevação em setembro reflete o impacto da alta da nova bandeira tarifária nas contas de luz em virtude da escassez hídrica, bem como da pressão do setor de serviços devido ao aumento das passagens aéreas. Alimentação e bens industriais também contribuirão para a elevação do índice no mês.

Ainda no campo de preços, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulga o IGP-DI de setembro na quarta-feira (6), que deve permanecer no terreno negativo, captando a deflação dos preços no atacado. Projetamos deflação de 0,79% para o índice no mês, reduzindo o acumulado em 12 meses para 15,65% (28,21% em agosto).

Pelo lado da atividade, o IBGE divulgará a produção industrial de agosto, nesta terça-feira (5). Os dados devem trazer nova queda da atividade industrial no mês, refletindo a escassez e os altos preços dos insumos e da energia elétrica. Projetamos queda de 1,3% na comparação mensal dessazonalizada, que corresponde à queda de 0,8% na comparação com igual mês do ano passado.

Por fim, o IBGE também irá divulgar as vendas do comércio nacional de agosto, na quinta-feira (7). No conceito ampliado, que inclui as vendas de automóveis e materiais de construção, o comércio deverá ter seu desempenho prejudicado diante de vários fatores, como um ambiente de juros em alta, inflação elevada, queda na massa salarial ampliada, confiança do consumidor em baixa, problemas na cadeia de abastecimento e consumidor deslocando sua demanda para o setor de serviços. No conceito restrito, o efeito inflação deve pesar sobre as vendas nos supermercados, enquanto os setores ligados ao crédito continuarão mostrando desempenho moderado. Projetamos queda de 1,7% m/m em agosto para as vendas do comércio no conceito ampliado, o que significa alta de 3,2%, se comparadas a agosto de 2020. No conceito restrito, o faturamento real do comércio deverá subir 0,2% no mês e 1,7% na métrica interanual.

No front internacional, a política monetária americana continuará sendo destaque. O tema tem sido mantido no radar por meio de manifestações frequentes de diversos dirigentes do Fed, que na semana passada voltaram a enfatizar a necessidade de começarem a redução das compras de ativos (tapering) ainda neste ano. O programa seria reduzido no ritmo de US\$ 15 bilhões/mês, terminando em meados de 2022. A partir daí, começariam a discutir o momento em que se iniciaria a elevação da taxa básica de juros, hoje entre 0,0% e 0,25%, o que deverá ocorrer, provavelmente, no final de 2022 ou início de 2023.

O debate sobre quando o tapering começará ressalta a importância dos dados sobre o mercado de trabalho nos EUA referentes a setembro, que serão divulgados nesta semana. Segundo as projeções dos analistas, a economia americana criou 470 mil novas vagas no mês, recuperando-se do baixo volume criado em agosto (235 mil), que foi prejudicado devido ao novo surto de infecções decorrentes da variante Delta da Covid-19 no período, que impôs limitações na oferta de mão de obra. A pesquisa domiciliar, por sua vez, deve continuar mostrando elevação na ocupação e queda na taxa de desemprego, que pode baixar para 5,1% com o dado de setembro contra os 5,2% de agosto.

Copom indica que ritmo de alta de juros não deve acelerar, mas taxa final do ciclo pode ser maior

Na reunião do Comitê de Política Monetária Brasileira (Copom) de setembro, a taxa de juros básica foi aumentada em 100 pb, para 6,25% a.a.. Uma parte do mercado financeiro acreditava que o Copom deveria ter acelerado o ritmo de alta para 125 pb ou 150 pb, tendo em vista a piora do cenário inflacionário, com não apenas o IPCA de setembro ficando em torno de 1,25% M/M, como as expectativas de inflação subindo para 8,5% em 2021 e 4,1% em 2022, distanciando-se ainda mais do centro da meta (3,75% e 3,5%, respectivamente).

O comunicado do Banco Central, divulgado na terça-feira da semana passada, depois da decisão, trouxe detalhes sobre o motivo de não ter havido aceleração. Na ata da reunião foi escrito que o comitê discutiu acerca de aumentar o ritmo de aperto monetário. No entanto, o comitê optou por não acelerar, em parte, porque considera mais prudente manter o ritmo atual de elevação dos juros devido ao cenário de incertezas vigente, de recuperação após uma pandemia, e coletar mais informações sobre a persistência dos choques inflacionários e o estado da economia.

Também foram importantes as simulações que o Banco Central fez sobre diferentes trajetórias de elevação de juros. De acordo com o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, em entrevista na divulgação do Relatório Trimestral de Inflação, na quinta-feira passada, a taxa terminal de juros parece importar mais que o ritmo de aperto monetário. As simulações indicam que a meta de inflação do horizonte relevante (final de 2022) pode ser atingida mesmo que o principal risco altista para inflação ocorra (deterioração do cenário fiscal), com altas de 100 pb por reunião, contanto que a taxa de juros terminal seja maior. O comitê, então, indicou que deve se manter nesse movimento de alta, mas pode terminar o ciclo em uma taxa terminal maior, caso julgue necessário.

A visão da SulAmérica Investimentos é de que a taxa Selic deve subir em ritmo de 100 pb nas próximas reuniões. Dado o discurso do Banco Central, a taxa do final do ciclo deve ser mais elevada que a usada nas projeções do Copom e do Relatório Trimestral (8,5%), devendo, pelo menos, ficar em 9%, como no cenário da SulAmérica, que tem uma alta de 75 pb em fevereiro de 2022. Caso o risco fiscal ocorra, com prolongamento dos gastos fiscais criados durante a pandemia, em especial o Auxílio Emergencial, então é provável que o BC siga com altas de 100 pb no começo de 2022, levando a Selic aos 10,25%.

	Segunda - feira 04 de Outubro	Terça - feira 05 de Outubro	Quarta - feira 06 de Outubro	Quinta - feira 07 de Outubro	Sexta - feira 08 de Outubro
EUA	Encomendas de bens (Ago) Discurso de Bullard	Balança comercial (Ago) PMI serviços Markit (Set F) ISM serviços (Set) Discurso de Quarles	Criação de empregos ADP (Set)	Pedidos semanais de seguro desemprego Crédito ao consumidor (Ago) Discurso de Mester	Criação de empregos payroll (Set)
Europa	Discurso de Guindos do BCE (EC) Confiança Sentix do investidor (Out)	(GE) PMI serviços (Set F) (EC) PMI serviços (Set F) (EC) Inflação ao produtor (Ago) Discurso de Lagarde do BCE (UK) PMI manufatura (Set)	(GE) Encomendas à indústria (Ago) (EC) Vendas no varejo (Ago)	(GE) Produção industrial (Ago)	(GE) Balança comercial (Ago) (GE) Conta corrente (Ago)
Ásia	(CH) Feriado	(JN) PMI serviços (Set F) (CH) Feriado	(CH) Feriado	(CH) Feriado	(JN) Conta corrente (Ago) (CH) PMI serviços (Set)
Brasil	IPC-FIPE (Set) Vendas de veículos Fenabrave (Set)	Produção industrial (Ago) PMI serviços (Set)	IGP-DI (Set) Vendas no varejo (Ago) Produção de veículos Anfavea (Set)		IPC-S 1ª semana (Out) IPCA (Set)

Economia Brasileira Projeções - Indicadores Macroeconômicos

		2018	2019	2020	2021(p)	2022(p)	2023(p)
PIB - crescimento real	Var %	1,80	1,40	-4,10	5,00	1,00	1,40
IPCA	% ao ano	3,75	4,31	4,52	8,48	4,11	3,27
Meta IPCA	% ao ano	4,50	4,25	4,00	3,75	3,50	3,25
IGP-M	% ao ano	7,55	7,32	23,14	16,39	4,96	5,12
Juro Selic - média ano	% ao ano	6,46	5,90	2,82	4,53	8,94	7,13
Juro Selic - dezembro	% ao ano	6,50	4,50	2,00	8,25	9,00	6,00
Tx Câmbio - média ano	R\$/US\$	3,65	3,95	5,16	5,35	5,44	5,50
Tx Câmbio - dezembro	R\$/US\$	3,88	4,11	5,15	5,40	5,47	5,53
Risco País (CDS)	bps	207	110	143	175	175	150
Balança Comercial	US\$ Bn	58,0	48,0	51,0	72,9	45,2	49,5
Saldo em C. Corrente	US\$ Bn	-41,5	-50,7	-12,5	-5,4	-26,3	-29,4
Saldo em C. Corrente	% do PIB	-2,2	-2,7	-0,9	-0,3	-1,5	-1,6
Resultado Fiscal Primário	% do PIB	-1,5	-0,8	-9,5	-0,3	-0,8	-0,6
Dívida Líquida	% do PIB	52,8	54,6	63,0	59,2	63,5	65,6
Dívida Bruta	% do PIB	75,3	74,3	89,2	82,1	85,3	87,1

(p) Perspectiva

Informações

Economista-chefe

Newton Rosa newton.rosa@sulamerica.com.br

Informações

Maria Augusta Mosca

mariaaugusta.mosca@sulamerica.com.br

Assessoria de Imprensa:

Superintendência de Comunicação Institucional (SUCIR)

Cristiane Martins/Michelle Vargas/Thais Arruda

Economista

Rafael Yamano rafael.yamano@sulamerica.com.br

Clique aqui e conheça os fundos da SulAmérica Investimentos.

Site www.sulamericainvestimentos.com.br